

Os Imponderáveis da Etnografia Religiosa: Uma Análise Sobre o Trabalho Etnográfico no Campo da Religião.ⁱ

ARLINDO DE SOUZA NETO

POLYANNY LÍLIAN DO AMARAL

Resumo

A antropologia utiliza-se de diversos métodos de pesquisa etnográfica a fim de construir uma reflexão sobre seu objeto de estudo. Independentemente do método escolhido, o pesquisador está exposto a certas situações práticas que o levam a enfrentar dificuldades cujos livros não o apresentaram anteriormente, são os imponderáveisⁱⁱ da etnografia. Estes imponderáveis estão muito presentes quando o objeto de estudo está imerso na área religiosa.

Embasando-se nas teorias já existentes, os antropólogos, com a produção final de suas pesquisas, acabam construindo novos “arquivos” da humanidade. É pensando nesta dialética, de fundamentar-se em teorias para produzir novas teorias, que este trabalho abordará três métodos de pesquisa: a análise de arquivos históricos, a observação participante e a aplicação de questionário e entrevistas, tendo como objetivo discutir os problemas que permeiam o antropólogo que se dispõe a utilizar-se destes métodos para sua pesquisa, bem como as implicações que as dificuldades proporcionam ao trabalho final.

Palavras-chaves

Etnografia, etnologia, religião.

The Imponderables of Religious Ethnography: An Analysis about the Ethnographic Work in the Field of Religion.

Abstract

Anthropology uses many methods of ethnographic research in order to build a reflection on its subject. Whichever the method chosen, the researcher is exposed to certain practical situations that lead him to struggle difficulties that books did not previously presented, they are the imponderables ethnography. These imponderables are very much present when the object of study is immersed in religion.

Supported in the theories already in existence, anthropologists, with the final production of their researches, end up building new "files" of humanity. It is this dialectic of thinking based on theories to produce theories that this paper will address three research methods: the analysis of historical records, the participant observation and questionnaires and interviews, aiming to discuss the problems that permeate the anthropologist who has to use these methods to their research, as well as the implications that the difficulties provide to the final work.

Keywords

Ethnography, ethnology, religion.

Introdução

A administração de conflitos relacionados a questões de escolhas metodológicas para o trabalho etnográfico constitui um importante aspecto para a manutenção da qualidade da etnografia humana. Podendo ser dificultada pela redução do papel atribuída ao antropólogo em campo.

Nesse sentido, os estudos e a elaboração antropológicos de caráter etnográfico, relacionadas à qualidade da etnografia, prescindem de processos complexos do conhecimento construídos a partir da compreensão dos processos de interação pessoal, material e imaterial que constituem o campo das relações entre sociedade e indivíduo.

Tendo em vista a tentativa de contemplar tal situação, novas tendências despontaram como alternativas de metodologia, sendo aplicada cada uma de um modo particular. Vários autores destacam técnicas de coleta de dados usadas por pesquisadores etnográficos que trabalham com observação participante. Também são ressaltados métodos de trabalho desenvolvidos a partir da perspectiva reflexiva por Bronislaw Malinowski (1922) e outros que apresentam riscos a aplicação, desenvolvimento e análise dos dados obtidos em campo.

Se por um lado as teorias antropológicas se apresentam como possíveis contribuições à elaboração de uma sólida pesquisa de campo, por outro apresentam algumas restrições, principalmente as associadas às técnicas aplicadas a cada tipo de situação, uma vez que foram desenvolvidas tendo como base a realidade de povos com características peculiares.

Desta forma, este artigo tem como objetivo destacar aspectos das técnicas de coleta de dados em campo religioso que podem contribuir para a análise da construção de um panorama que não seja restrito a meras especulações. A principal hipótese é que a utilização de técnicas etnográficas elaboradas a partir de uma abordagem que internalize as especificidades religiosas pode possibilitar maior compreensão das questões do campo religioso e contribuir para a elaboração e reformulação de métodos a elas relacionada.

Introdução à Etnografia

Desde o princípio o saber antropológico esteve presente na sociedade humana. Seja questionando a respeito do impacto das relações sociais sobre o comportamento

humano, numa antropologia do século V a.C. vista na obra de Heródoto, que descreveu minuciosamente as culturas com as quais seu povo se relacionava. Seja no século XVIII, se institucionalizando como ciência com a grande contribuição dos cronistas, viajantes, missionários e comerciantes que discutiam, em relação aos povos que conheciam, a maneira como estes viviam a sua condição humana, cultivavam seus hábitos, normas, características, interpretavam os seus mitos, os seus rituais, a sua linguagem.

Tendo como objeto principal o ser humano imerso em sua cultura, a abordagem antropológica de base provém da idéia de uma “observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana” (LAPLANTINE, 1988, p. 25). A etnografia é literalmente a descrição de um povo, lidando com o coletivo e examinando os comportamentos interpessoais, as produções e as crenças do grupo. O etnógrafo se ocupa basicamente do cotidiano do nativo em estudo. Nas palavras de Laplantine: “o etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda.” (1988, p.27) Para tal, é preciso algumas técnicas de coletas de dados.

O método etnográfico começou a ser usado pelos antropólogos em fins do século XIX e início do século XX, baseados na idéia de que apenas inserido no ambiente do nativo, em contato com a dinâmica, que se poderia produzir um conhecimento efetivo. Como não poderíamos deixar de citar, Bronislaw Malinowski e A. R. Radcliffe-Brown, interessados no estudo das instituições duradouras, representaram a escola britânica no método etnográfico. A escola norte-americana, mais interessada nos índios dos Estados Unidos, que tiveram seus modos de vida tradicionais alterados, tem como principal representante Franz Boas.

Segundo Michael Angrosino,

Os pioneiros da pesquisa de campo acreditavam que estavam aderindo a um método consoante com o das ciências naturais, mas o fato de estarem vivendo nas próprias comunidades por eles analisadas, introduziu um grau de subjetividade nas suas análises que estava em dissonância com o senso comum do método científico. (2000, p. 17)

Em suma, o método etnográfico é baseado na pesquisa de campo, o que implica numa personalização do método de acordo com o objeto de estudo; é indutivo, ao passo que existe a possibilidade de um acúmulo; é dialógico, pois o nativo tomado como objeto pode discutir as interpretações do pesquisador; e finalmente holístico, pois se busca um relato mais completo possível sobre o estudado.

B. Malinowski e Franz Boas foram os principais defensores da pesquisa de campo. Boas complementa a idéia de que um costume só tem significado se analisado no seu contexto particular, acrescentando que para compreender o lugar de onde vem esse costume, só o antropólogo pode elaborar um documento com validade. Desta forma faz-se fundir a teoria e a prática. Boas também anunciou a idéia de “etnociências”, levando em consideração que os fenômenos mais simples da comunidade, tem tanta importância quanto os considerados mais relevantes, que as cantigas das crianças tem tanto valor etnográfico como a mitologia que expressa a história da sociedade. Além disso, Boas foi um dos primeiros a ressaltar a importância e necessidade do acesso à língua da cultura que o etnólogo trabalha, possibilitando que ele mesmo reconheça as tradições sem precisar de intérprete. Malinowski, por sua vez, contribuiu grandemente para o método etnográfico. Seu aluno, Raymond Firth (1957, p.44), o descreve como “um etnógrafo metódico e sistemático, com uma capacidade excepcional para aprender línguas e uma faculdade de observação extraordinária”.

Um equívoco comum é dizer que Malinowski “inventou” o trabalho de campo, pois muito antes dele já eram feitas expedições etnográficas que seguiam padrões metodológicos muito rigorosos. O que Malinowski fez foi desenvolver um novo método de trabalho de campo específico, que ele denominou observação participante. Sua posição teórica era bastante eclética, mas seguindo os padrões correntes ele denominou seu programa de funcionalismo. Todas as práticas e instituições sociais eram funcionais no sentido de que se ajustavam num todo operante, ajudando a mantê-lo. É consagrado na obra *“Argonauts of the Western Pacific”* (1922), pois ninguém antes dele tinha penetrado tando numa sociedade.

Além do método da observação participante, Malinowski contribuiu para uma interdisciplinaridade, uma articulação entre social, psicológico e biológico, no estudo do ser humano. Ainda elabora a teoria funcionalista e indica a idéia de que uma sociedade deve ser estudada em sua totalidade. Esta última contribuição nos inspirou para a elaboração do título deste artigo.

A Definição do Campo Religioso

O nosso interesse pelo campo religioso na Antropologia não teve seu desenvolvimento ao acaso. Fomos convidados a termos uma experiência de campo muito peculiar. Participamos como auxiliares na pesquisa O “Dia da Saudade”: Uma Abordagem Sincrônico-Diacrônica do Período de Finados em Recife, da Prof^a Dr^a Mísia Lins Reesink da Universidade Federal de Pernambuco – PPGA (Programa de

Pós-Graduação em Antropologia). Com a função de aplicarmos questionários em dois cemitérios da cidade do Recife (Cemitério de Santo Amaro e de Casa Amarela), nos dias 1 e 2 de novembro, com o intuito de termos impressões mais concretas do objeto que estávamos estudando.

Além da oportunidade de aplicarmos as técnicas de coleta de dados em campo com a aplicação de questionários, fizemos uma pesquisa histórica no acervo dos jornais, na Fundação Joaquim Nabuco - Recife (Fundaj). Analisamos os quatro principais jornais que circularam no final do século XIX e XX: Jornal Pequeno e o Jornal do Recife, já extintos, e o Jornal do Commercio e o Diário de Pernambuco, jornais que possuem as maiores publicações no estado de Pernambuco.

A partir daí, enfrentamos sérias reflexões referentes a esse campo, pois a pesquisa no acervo histórico nos deu uma dimensão diacrônica da pesquisa, e na aplicação dos questionários, a dimensão de proximidade que temos com os “nativos” que iam ao cemitério no período de finados. Com isso percebemos variados aspectos, não só na dimensão religiosa, mas na própria escolha de técnicas para obter informações relevantes. Foi inevitável não estranharmos a capacidade magnífica de troca de informações que por pequenos gestos ou palavras mínimas fomos capazes de termos com os “nativos”.

Refletindo os textos de Malinowski percebemos a importância da valorização dos dados empíricos, os quais, para Malinowski, são simultaneamente uma ciência e uma arte. O não julgamento da incapacidade do nativo como um ser atrasado, irracional, incapaz foi um dos pontos superados por ele, já que acreditava que a lógica nativa precisa ser descoberta pelo investigador, ou seja, a capacidade de reconstruir. Assim, buscando a especificidade de cada cultura entenderíamos “[...] o comportamento concreto de seres humanos reais que vivem uma realidade cultural diferente da nossa.” (MALINOWSKI, 1922, p.8). Caso contrário seria um erro de observação.

Foi com base no pensamento malinowskiano que construímos nosso argumento em torno de três principais métodos de coleta de dados. São eles: Análise de arquivos históricos, observação participante, aplicação de questionários e entrevistas. É importante lembrar que a boa etnografia geralmente resulta da sua triangulação, portanto, as técnicas que serão abordadas devem ser usadas em conjunto, pois nenhuma delas sozinha é capaz de pintar o retrato inteiro de uma comunidade viva.

Em *Argonauts of the Western Pacific*, Malinowski (1922) escreve em sua introdução –“Objetivo, método e alcance desta pesquisa” - uma descrição dos

métodos utilizados na coleta do material etnográfico em sua expedição *Kula*. E é com base nessa introdução que discutiremos o esqueleto, a carne e sangue e o espírito/alma de uma pesquisa etnográfica.

Explicando o Tema

Buscando analisar as situações na qual o pesquisador está exposto a certas situações práticas que o levam a enfrentar dificuldades cujos livros não o apresentaram anteriormente, são os imponderáveis da etnografia.

Imponderáveis é um termo originariamente utilizado por B. Malinowski quando analisa metaforicamente as etapas do trabalho de campo. Segundo o autor, para uma observação participante efetiva, o antropólogo precisa fazer um levantamento objetivo dos dados imediatos do local, como por exemplo, um mapa êmico e os dados demográficos, constituindo-se então o que Malinowski chama de “esqueleto”. Em seguida, o esqueleto precisa ser preenchido com “carne e sangue”, ou seja, acrescenta-se uma análise subjetivaⁱⁱⁱ sobre as ações práticas do cotidiano do nativo. Busca-se, por exemplo, investigar quais as regras da comunidade, como se comporta o nativo diante delas, as relações de autoridade, parentesco, entre outros. São essas ações da vida real que Malinowski se refere ao falar dos “imponderáveis da vida real”, ou seja, as atividades corriqueiras do nativo. Neste trabalho, utilizamo-nos o termo para mencionarmos as mesmas práticas do cotidiano, porém este cotidiano não diz respeito à vida do nativo, mas a de quando o pesquisador está sujeito ao aplicar algum dos métodos da antropologia em sua prática de pesquisa, ou seja, os problemas encontrados durante o estudo. Por fim, Malinowski acrescenta a “alma” do trabalho etnográfico que é entender como o nativo interpreta a si mesmo e os significados de sua própria cultura.

Em contra partida a idéia de totalidade sugerida por Malinowski através das etapas para a formação completa do “corpo” (que neste caso se refere ao conhecimento final produzido pelo pesquisador), há uma crítica laplantiana de que a compreensão total do nativo não é possível, pois apenas os indivíduos imersos na cultura é que realmente entendem, e caso o antropólogo passe a “entender”, ele deixa de ser pesquisador e passa a ser nativo. Deste ponto, François Laplantine, em *Aprender Antropologia* descreve as tensões que pairam sobre o antropólogo. Estas tensões não são o foco deste artigo, mas a nível geral, vale a pena citar pelo menos uma tensão que enriquece esse trabalho: o dentro e o fora. O antropólogo precisa estar ‘dentro’ da sociedade e olhar com a visão nativa para entender os significados dados na lógica do nativo, porém não pode estar profundamente imerso a ponto de

naturalizar as ações. É preciso ao mesmo tempo estar ‘fora’, com um olhar antropológico. É necessário se envolver com a lógica nativa, mas é indispensável o questionamento.

É o que Lévi-Strauss chamaria de “astronomia das ciências sociais”, ou seja, o olhar para as sociedades distantes através de um “telescópio etnológico” sem sair de sua própria cultura. Diante disto, os “imponderáveis da etnografia” referem-se às dificuldades e situações práticas que o antropólogo pesquisador encontra em sua trajetória.

Análise De Arquivos: O Esqueleto

“A pesquisa em arquivos é a análise de materiais que foram guardados para pesquisa, serviço e outros objetivos, oficiais ou não” (ANGROSINO, 2008, p.56). Eles possibilitam a criação de hipóteses que facilitarão a ida ao campo previamente escolhido. Prevendo os obstáculos e os fardos que serão enfrentados.

A análise em arquivos permite aos bons etnógrafos, a priori, a se esforçarem para estarem conscientes dos fatores que contribuíram para uma perspectiva etnocêntrica, supondo que a maneira de pensarmos e fazermos as coisas são a forma preferível e natural a todas as outras. O que cria uma atmosfera de evitação às ideias preconcebidas. Assim como dizia Malinowski: “O bom treinamento teórico e a familiaridade com os mais recentes resultados não são equivalentes a estar carregado de ‘ideias preconcebidas” (MALINOWSKI, 1922, p.10). Cabendo ao pesquisador exercitar sua flexibilidade teórica, sendo capaz de mudar seu ponto de vista quando necessário.

É uma tendência dos grupos a coleção de materiais relevantes como obras artísticas, documentos históricos, jornais. O desafio do etnógrafo é encontrar essas fontes de informações, pois, muitas vezes, os documentos importantes estão mal conservados ou de difícil acesso. As fontes podem ser primárias, quando feitas diretamente nos documentos importantes para a pesquisa, ou secundárias, quando os dados dos arquivos são resultantes do estudo de outro pesquisador.

Para o caso das religiões vamos tomar por base dados primários referentes à compulsão de textos jornalísticos. Por exemplo, a experiência na pesquisa em jornais (FUNDAJ) nos possibilitou uma visualização prática com a representação religiosa influenciada e ficando em segundo plano com relação à política aos momentos de grande impactos históricos (na chamada “era Vargas”. Isso é bem evidente).

Outras observações por parte do pesquisador não devem ser deixadas de lado, já que os dados dos arquivos nem sempre são imparciais, podendo conter algum erro, mesmo que o arquivo esteja guardado com a maior tecnologia. É importante salientar que essa é apenas uma etapa e seu desenvolvimento individual não se sustenta sozinha, mas suas vantagens são de bons ganhos para o pesquisador, pois a interferência é nula, já que não interage diretamente com seu objeto, tendo baixo custo e possuindo boa sustentação em análises diacrônica.

Observação Participante: A Carne e o Sangue.

Primeiramente, devemos levar em consideração que as únicas fontes etnográficas de valor científico absoluto são aquelas que podemos estabelecer uma diferenciação entre: os resultados das observações referentes ao sujeito, das interferências do autor. Assim, podemos estabelecer que todo o resultado de uma pesquisa científica, em qualquer ramo de conhecimento, deveria ser apresentado de uma maneira absolutamente imparcial e franca.

Com isso, podemos descrever o método que foi estabelecido por Malinowski. Como Laplantine diz: Malinowski “inventa [...] e é o primeiro a pôr em prática a observação participante” (2000, p. 84). Assim, podemos entender que Malinowski sistematiza o trabalho de campo realizado pelo próprio antropólogo e critica a coleta de dados realizada por pessoas sem treinamento científico específico, gerando informações repletas de preconceitos e juízo de valor.

O método científico de trabalho de campo que Malinowski desenvolveu tem como base os conceitos de Etnografia, ou seja, os métodos utilizados pela Antropologia na coleta de dados que se baseia no contato objetivo entre o antropólogo e seu objeto de estudo, seja eles um grupo religioso, uma tribo indígena ou qualquer outro grupo social que se esteja interessado em analisar. Sendo assim, a observação participante exige contato social, “[...] um mergulho na cultura do outro [...]” (LAPLANTINE, 2000, p. 85) e os resultados desse contato devem ser apresentados de uma maneira abrangente e clara.

Podemos ainda salientar que dependendo da sociedade que será estudada a observação trará ainda uma familiaridade com a etiqueta nativa, com isso podendo evitar alguns constrangimentos em campo. No campo religioso brasileiro podemos observar o que é dito como etiqueta nativa: algumas religiões têm seus rituais

divididos entre públicos e privados, seguem uma idéia de evolução espiritual que apenas o nativo pode participar de determinados rituais o que dificulta o acesso do pesquisador e a produção de um conhecimento mais completo, são comportamentos simples de como lidar com o espaço, rituais, hierarquias, alimentação, gestos, vestimentas, código entre outros^{iv}. Um exemplo é a doutrina^v do Vale do Amanhecer^{vi}. Em uma experiência de campo, não nos foi permitido gravar o áudio do ritual pesquisado, o que nos impossibilitou uma descrição exata do acontecido. Seja uma tribo, um clã, um grupo de religiosos, todos querem ser tratados com respeito e seus limites devem ser aceitos.

Segundo Malinowski, são necessários três critérios básicos para obter bons resultados na pesquisa. São eles: Primeiramente, o antropólogo deve possuir objetivos claros e científicos, uma espécie de treinamento. Segundo, são necessárias condições apropriadas para a pesquisa etnográfica que facilitem o trabalho de campo, ou seja, o etnógrafo deveria transformar sua vida na vida do nativo, observar as suas atividades diárias, os acontecimentos mais importantes da aldeia, os eventos festivos, a vida familiar, assim estabelecendo contanto com os nativos. A realização do trabalho de campo deveria ser longa o suficiente para que a vida na aldeia retornasse ao seu curso natural, já que o antropólogo é tido como algo que modificaria a ordem tribal. E terceiro, realizar um estudo detalhado oferecendo uma descrição clara e nítida da constituição social. Organizados em diagramas, planos e quadros de estudos de caso, a fim de compará-los e organizá-los, revelando lacunas e falhas de informações. O que obrigaria estudar o fenômeno em sua variedade de manifestações, levantando exemplos detalhados. Assim:

[...] jamais se contentar com uma única afirmação obtida de um informante privilegiado: coteja diferentes informações, verifica-se através da observação direta do comportamento das pessoas em situações sociais específicas, examina a coerência daquilo que observou diretamente com informações e observações paralela, analisa o conteúdo emocional do comportamento manifesto. (DURHAM,1978, p. 56)

Malinowski salienta também a importância da apresentação de uma lista cronológica dos eventos observados pelo antropólogo em campo. O que foi chamado por ele de “diário de campo”, uma sistematização, desde o primeiro dia de trabalho de campo, contendo dados obtidos da observação coletados durante o contato.

Todo esse arcabouço foi utilizado por Malinowski na observação do “Kula”. Foram imprescindíveis para ele os eventos cotidianos e extraordinários. Não deixando escapar declarações etnografias, narrativas e expressões típicas dos nativos. Assim, para Malinowski, o método acima conduziria ao objetivo final do antropólogo:

“[...] aprender o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, compreender sua visão de seu mundo” (GUIMARÃES, 2007 pp. 60, 61), pois cada sociedade possui seus sistemas lógicos perfeitamente elaborados. Isso é o que daria o caráter a Antropologia como a ciência da alteridade. Por isso, Malinowski possui uma visão sincrônica, onde se preocupa com a lógica própria do sistema, conhecendo a realidade cultural em um dado momento e não se preocupando com suas origens e história.

Sendo o “Kula” uma forma de troca e tendo caráter intertribal, Malinowski parte de um único costume para entender o perfil de uma sociedade. As canoas, os braceletes, os colares e as pulseiras estabelecem relações que nos levam a perceber um processo de troca generalizada, mas que não é apenas compreendido na dimensão econômica, pois nos permite ir além, encontrando significados políticos, religiosos, mágicos e até estéticos do grupo. Assim, qualquer costume, objeto material ou idéia que existem numa sociedade possui funções específicas com significado social, pois fazem parte de uma estrutura, de um mesmo sistema.

A mesma coisa é estabelecida no campo religioso. Por exemplo, as roupas, os amuletos, os cânticos dos rituais do Candomblé, da Umbanda ou qualquer outra religião devem conter esse princípio da observação citado acima. Nesse momento serão observados os *imponderáveis da vida real*, ou seja, as maneiras sutis que os nativos utilizam em seu cotidiano.

Como o próprio Malinowski falava que “[...] fatos da vida real constituem parte do verdadeiro tecido da vida social, que neles se emaranham os inumeráveis fios que mantêm unidos a família, o clã [...]”(1922 p.55). Para tamanha totalidade dos fatos reais é necessária o diálogo do pesquisador com o nativo, aqui em especial, o nativo religioso. Sendo imprescindível a dimensão que o campo religioso tem em dialogar com o pesquisador. Pedindo, por parte dele, um esforço na relativização de atos e acontecimentos da vida real do nativo religioso.

O que está em jogo não é apenas a descrição de rituais ou fenômenos religiosos, a dimensão afetiva e emocional do nativo também requer uma atenção especial. A estranheza de sua presença, por parte dos nativos, no campo religioso não pode ser esquecida por parte do pesquisador. São nessas micro-relações que se estabelece o conhecimento dos *imponderáveis da vida real*, onde aqui propomos os *imponderáveis da vida religiosa*.

Aplicação De Questionários e Entrevista: O Espírito/Alma

Chegamos agora ao terceiro passo para a coleta de dados de campo científico. Vimos pesquisa em arquivo, com sua capacidade de esposar um esqueleto visando à constituição religiosa e os *imponderáveis* da vida religiosa que trazem dados referentes à vida cotidiana, a constituição da carne e sangue. Analisando agora o espírito, entendido como a visão do nativo, ou seja, sua opinião e seus pontos de vista.

De fato, estamos aqui envolvidos com maneiras de pensar estereotipadas pelas intuições e é nesse viés que é possível estudar o pensamento do nativo religioso. O que determina “[...] descobrir as maneiras típicas de pensar e sentir, que correspondem às instituições e à cultura de uma comunidade determinada [...]” (MALINOWSKI, 1922, p.59).

“Entrevistar é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes” (ANGROSINO, 2008, p.58). Claro que uma entrevista etnográfica requer muito mais que uma simples conversa. Ela é de fato interativa, mas precisa um esforço do entrevistador para não induzir a resposta do informante. Os imponderáveis começam antes mesmo da entrevista. Para encontrar um nativo disposto a falar sobre ele mesmo nem sempre é fácil. No campo da religião falar sobre suas crenças muitas vezes produz incômodo e talvez receio de prejudicá-la de alguma forma.

Nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira (2000) apenas a entrevista possibilita “a obtenção de explicações fornecidas pelos próprios membros da comunidade investigada para obter aquilo que os antropólogos chamam de ‘modelo-nativo’, matéria-prima para o entendimento antropológico.” Discorrendo sobre “o ouvir” o autor nos aponta algumas dificuldades ‘da’ e ‘na’ entrevista. Uma delas é a diferença entre “idiomas culturais”, ou seja, um confronto entre o mundo do pesquisador e do nativo, configurando uma interpretação diferente para determinado termo ou gesto. Configura-se então uma relação dialógica que segundo Cardoso de Oliveira:

Faz com que os horizontes semânticos em confronto – o do pesquisador e o do nativo – abram-se um ao outro, de maneira a transformar um tal confronto em um verdadeiro ‘encontro etnográfico’. Cria um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela ‘fusão de horizontes’ – como os hermeneutas chamariam esse espaço – , desde que o pesquisador tenha habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre ‘iguais’, sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso. (2000, p. 24 – grifos do autor)

Voltando para a religião temos, por exemplo, para alguns termos como reencarnação, transe e possessão um conceito acadêmico - teórico que pode divergir da interpretação do senso comum. Um exemplo prático e pessoal foi quando durante uma entrevista com uma nativa evangélica perguntei se ela acreditava em reencarnação e a resposta foi rápida: “Sim!” Ficamos um pouco confusos, pois segundo nossos conhecimentos teóricos não é da prática protestante crer que a alma pode encarnar novamente. Até que a nativa continua a resposta: “quando Jesus retornar, os mortos vão ressuscitar e por isso a alma vai voltar ao corpo e reencarnar.” Não pudemos negar a sua lógica e tomamos o ocorrido como boa experiência de campo sobre as dificuldades conceituais.

Outro problema, também presente na entrevista, é a inevitável mudança no campo que a presença do pesquisador provoca. Muitas vezes o informante quer ‘responder certo’ e termina que modificando suas interpretações sobre o assunto. Outras vezes o próprio pesquisador se encarrega, equivocadamente e talvez inconscientemente, de induzir a resposta. Além disso, pode acontecer de um pesquisador de determinada religião precise entrevistar um nativo de uma religião diferente e este se negue a colaborar por preconceitos.

A língua falada pelo nativo muitas vezes gera dificuldades. Particularmente, o Candomblé nos proporciona um entendimento prático, a existência de alguns terreiros que preservam a “língua(s) de origem da religião”. Mas devemos levar em consideração que seus adeptos são brasileiros. O que tornaria, não só no Candomblé, mais simples a captação de entrevistas e aplicação de questionários, pois não seria preciso o aprendizado da língua nativa para compreender o sentido expresso pelo nativo. Assim, a língua do nativo pode ser usada como instrumento de pesquisa. Como o próprio Malinowski narra: “[...] passei a escrever exclusivamente nesta língua [Kiriwiniense], a tomar rapidamente notas, palavra por palavra, de cada declaração.” (1922, p. 59).

Assim, o objetivo maior é buscar excessivamente a apreensão do ponto de vista do nativo, sua visão em relação a seu próprio mundo.

Considerações Finais

A perspectiva de análise que passa a enfatizar os micros processos do cotidiano faz com que se adote uma concepção de desconstrutor do construído e

posteriormente fazer sua reconstrução. Como tal, o problema de desconstruir as ações dos diferentes atores sociais é o mais difícil de desvencilhar.

É com esse caráter de desbravador e construtor que devemos praticar no campo religioso, principalmente no Brasil, a famosa expressão “sempre estar com um pé fora e um pé dentro do campo”.

Assim, tomando consciência que de “[...] não há um código de leis escrito ou explicitamente expresso, e [...] toda a estrutura da sua sociedade encontram-se incorporadas no mais evasivo de todos os materiais: o ser humano.” (MALINOWSKI, 1922, p.48). É de fato válido o pesquisar dá a devida atenção aos fenômenos considerados comuns, ordinário ou corriqueiro. Não estabelecendo diferenças em relação a outros acontecimentos internos. O que tende, a partir da boa observação, a sistematização desses aspectos se ordenarem num todo coerente. Estando o pesquisador sempre preparado para os imponderáveis.

Bibliografia

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre, RS, ed. Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa / coordenada por Uwe Flick);

DURHAM, Eunice. **A Reconstrução da Realidade (Um estudo da obra etnográfica Bronislaw Malinowski)**. São Paulo: Ática, 1978;

ERIKSEN, T. H., NIELSEN, F. S. **História da Antropologia**. Petrópolis, RJ, ed. Vozes, 2007;

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo, SP, ed. Brasiliense, 21^a edição, 2009;

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p. (Pensadores (os); v.43);

MALINOWSKI, B. **1 – Objetivo, método e alcance desta pesquisa**. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando as máscaras sociais**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, s/d. pp. 39-61;

OLIVEIRA, Roberto C. de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: paralelo quinze, ed. UNESP. 2^a edição, 2000;

ZALUAR, A. M. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, RJ, ed. Livraria Francisco Alves S. A. 1990.

ⁱ O presente trabalho está em formato de Artigo.

ⁱⁱ Este termo é originariamente utilizado por B. Malinowski que ao falar dos “imponderáveis da vida real” se refere às ações práticas, corriqueiras do nativo. Neste trabalho, utilizamo-nos deste termo para mencionar as mesmas práticas do cotidiano, porém este cotidiano não diz respeito à vida do nativo, mas a que o pesquisador está sujeito quando aplica algum dos métodos citados.

ⁱⁱⁱ É importante ressaltar que ao usarmos a palavra ‘subjativa’ não estamos afirmando que a interpretação destes dados é feita exclusivamente pelo pesquisador. Pelo contrário, a proposta da etnografia é analisar, na perspectiva do nativo, o máximo de dados possíveis sobre determinada sociedade. Porém, não negamos que esta análise sofre influências pessoais do antropólogo.

^{iv} Salvo a observação em lugares públicos. Por exemplo, uma pesquisa sobre o comportamento das pessoas que freqüentam blocos carnavalescos e o significado da festa para elas. O único consentimento será na hora de entrevistar o indivíduo, porém seu comportamento pode ser analisado sem pedir autorização. Mas, evidente que o pesquisador deve estar atento para questões de privacidade, mesmo em espaços públicos.

^v Não pretendendo entrar na discussão sobre o conceito de religião, utilizamos o termo “doutrina” para o Vale do Amanhecer, pois é como os adeptos nomeiam suas ideologias e práticas.

^{vi} O Vale do Amanhecer é uma doutrina espiritualista cristã, criada para abrigar a Doutrina do Amanhecer, fundada em 1959, pela médium clarividente Tia Neiva. A Doutrina do Amanhecer foi trazida, através da clarividente, pelo espírito de Francisco de Assis, conhecido nesta doutrina como "Pai Seta Branca", e por sua equipe espiritual, contendo elementos de várias outras religiões.